

NAPOLEÃO E O NORDESTE BRASILEIRO E OUTROS ENSAIOS

Marcos Antonio Filgueira

Coleção Mossoroense
Série C
Número 437
1988

MARCOS ANTONIO FILGUEIRA

**NAPOLEÃO E O NORDESTE DO BRASIL & OUTROS
ENSAIOS**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE C

VOLUME CDXXXVII

1988

1988

Ano do Centenário de Nascimento de Joaquim Inácio de
Carvalho Filho

Ano LXXX do Médico, Escritor e Professor Raul Fernandes

Ano XL da Batalha da Cultura

Ano XII do trabalho do gráfico "CHAGAS", na RICOH (off-sett) da ESAM, que já imprimiu 387 títulos da Coleção Mossoroense, até 20-3-88.

Ano XII do trabalho do gráfico "DEDEINHA", responsável pelo acabamento de 387 títulos da Coleção Mossoroense.

APRESENTAÇÃO

Genealogia e história são assuntos entrelaçados. Fazem o estofo deste trabalho desprezioso. Somos o elo de uma cadeia infinita, cujo início desafia a ciência e a filosofia - esse o fascínio da genealogia. E a história somos nós, reflexos da genética, do meio social, dos acontecimentos, do próprio pensamento. É o reverso dialético: se o homem faz a história, a história nos forma e nos transforma.

Resultamos da miscigenação ocorrida desde o descobrimento. Descendemos de holandeses, judeus, negros, fidalgos portugueses e índios e também herdamos suas características mentais, transmitidas por gerações. Uma noite fala a outra noite e um dia a outro dia, como diz o salmista.

Somos inda hoje, o homem cordial de Sergio Buarque de Holanda, paternalistas e condescendes, influência distante dos nossos avoengos da península ibérica. Tem razão Anita Novinsky, três séculos de Inquisição influíram decisivamente no caráter submisso atual do brasileiro.

Há quem estude a história através da biografia dos grandes homens. Eles marcam épocas e fazem suas ações se

prolongarem no tempo e no espaço. Napoleão Bonaparte é um desses luminares. Relacioná-lo ao Nordeste foi dever de casa passado pelo mestre Vingt-un Rosado. Não sei se cumpri a tarefa, mas a fiz com prazer.

Marcos Antonio Filgueira

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 07

NAPOLEÃO E O NORDESTE DO BRASIL | 10

APONTAMENTOS SOBRE A DESCENDÊNCIA
HOLANDESA NO NORDESTE | 30

RIO NOVO E FURADINHO: CANAIS DO
RIO MOSSORÓ | 42

CRISTÃOS-NOVOS: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE
DESCENDÊNCIA | 46

NAPOLEÃO E O NORDESTE DO BRASIL

I

Como reação ao absolutismo europeu, cujo apogeu se deu no século XVII, surgiu uma verdadeira revolução de idéias, que se expressaram largamente através dos vários campos do conhecimento e que serviu de ideologia para a burguesia - o iluminismo. Voltaire, Rousseau, Condorcet, D'Alembert, Diderot, todos pedreiros livres (7), se alinham entre os pensadores que esposaram os ideais liberalizantes e racionalistas, que caracterizaram o movimento.

Na França, o endividamento pelos gastos com o financiamento da Independência Americana, as regalias da nobreza, e o descaso administrativo, paulatinamente conduziam o país para o caos e formavam os ingredientes que motivaram cada vez mais a difusão dos ideais iluministas entre a burguesia insatisfeita. A situação se agravava.

O rei Luiz XVI, que normalmente preferia caçar veados a tratar dos problemas do Estado, sentindo acentuar-se a crise, procurou reunir a 5 de maio de 1789, os chamados Estados Gerais constituídos por: Primeiro Estado (Clero), Segundo Estado (Nobreza) e o Terceiro Estado (Burguesia e o população). A decisão a respeito de como se deveriam proceder as votações na grande assembléia, gerou a

separação do Terceiro Estado, que considerando sua representatividade, proclamou-se Assembléia Nacional em 17.06.1789. Perante esse desafio à sua autoridade real, Luiz XVI reagiu moderadamente, e por um pouco procrastinou qualquer reação. Porém, com a proclamação da Assembléia Constituinte em 09 de julho, o rei ordenou a ocupação de Paris por cerca de 20 mil homens. O confronto tem, então, consequências definidoras da situação e segue-se a queda da Bastilha em 14 de julho, confirmando a vitória dos ideais de liberdade, embutidos na revolução, que depois se propagariam como uma onda por todo o mundo.

Não demorou muito, porém, para que as diferenças de interesses, existentes no grupo vitorioso, se manifestassem. Alguns líderes do movimento foram guilhotinados, e surge o Diretório, consolidando o poder burguês. Mas as lutas intestinas terminam por agravar a crise econômica por que passava o Estado, e a burguesia resolve colocar no poder, um jovem general chamado Napoleão Bonaparte, pois o mesmo já goza de grande prestígio e demonstra grande capacidade de comando.

A ascensão de Napoleão foi fulminante. Com apenas 24 anos, já era General. Para os ingleses, foi sempre considerado um filho da Revolução e seu continuador. Para outros, porém, não passava de um gênio da conquista, sedento de glórias, sem ideais maiores. Henry Thomas (17) assim se expressa sobre ele:

Napoleão adorava-se a si mesmo e desprezava todos os outros homens. Era estranho à gratidão e não mostrava simpatia pelo sofrimento humano. Cloroformizou os soldados feridos no Egito, porque era muito incomodo levá-los de volta para a terra. Foi hipócrita, mentiroso e velhaco. Professava ideais em que não acreditava e fazia promessas que não tencionava manter. Em outras palavras, era o tipo perfeito do guerreiro agressivo. Considerava os seres humanos simples bolas de barros que ele podia modelar ou quebrar quando lhe aprouvesse.

Daremos razão ao autor citado, se considerarmos os comentários anotados pelo próprio Napoleão à obra - O Príncipe - de Maquiavel. Quando este tratou da administração dos Estados dominados diz: - *Para possuir com toda a segurança, basta extinguir a linhagem do príncipe que os governava...* Essa, a anotação correspondente de Napoleão: - *Não me esquecerei disto em qualquer dos territórios onde estabeleça o meu domínio* - (13).

À força de baionetas, porém, conseguiu difundir por toda a Europa e por todo o mundo, os ideais de liberdade defendidos pelos que fizeram a Revolução.

Por terra revelou-se imbatível, mas no mar, a velha Inglaterra opunha efetiva resistência aos seus planos de domínio total. Sentindo-

se incapaz de derrotá-la, promulgou, em Berlim, o decreto estabelecendo o bloqueio continental. Nenhum país europeu poderia, a partir de então, comerciar com a Inglaterra.

Portugal não aceitou a política napoleônica e negou-se a fechar seus portos aos ingleses. Por essa época, impermeável a ideais revolucionários, Portugal estava, acima de tudo, bastante comprometido comercialmente com a Grã-Bretanha para obedecer às ordens do Imperador francês. Como resposta segue-se o ultimato de 28.07.1807. Pela desobediência Portugal estaria condenado a ser dividido em três porções: O Sul seria concedido a Godoy, o Norte, à rainha da Etrúria e a parte Central ficaria a disposição do Imperador para o que lhe aprouvesse.

Efetivamente Lisboa foi dominada a 30.11.1807 pelo General Junot. Alguns dias antes, partira para o Brasil, com toda a família real, o regente João de Bragança.

D. Luis da Cunha, um dos grandes estadistas português, já o aconselhara profético a realizar essa transferência, em sua *Carta a Marco Antonio* onde dizia (6):

Melhor é pois residir onde está a força e a abundância, do que onde esta a necessidade e a falta de segurança. Acabarei, portanto, esta minha visão dizendo a Vossa Majestade que, sem embargo de não

*já ser tempo de vir alguém (do Que Deus nos livre)
em que não seja mal lembrada.*

As repercussões dessa transferência de poder foram historicamente bastante favoráveis Brasil.

III

O Brasil, ao receber a família real, não era mais o país próspero do sec. XVIII com a exploração do ouro das minas gerais. A partir de 1770 são os produtos vegetais que suplantam a produção aurífera. O produto principal é o algodão. É a época em que o Nordeste se acha esquecido dos favores da Metrópole e caminha a duras penas e às suas próprias custas.

Nas Américas, apenas os Estados Unidos são livres. Mas a Inconfidência Mineira em 1792, já revelava subjacentes sentimentos de liberdade no Brasil colônia.

Um efeito imediato da vinda do príncipe regente para o Brasil é sentido na situação socioeconômica da região Nordeste. Flávio Guerra (11) assim se expressa:

*Mas em princípio do Sec. XIX, favorecido pelas
guerras napoleônicas, com o aniquilamento das*

possessões de S. Domingos e o desastre das colônias espanholas e inglesas, e pela presença no Brasil do príncipe regente, D. João VI, fugindo da Invasão francesa, e mandando abrir os nossos portos ao comercio livre com as nações amigas, elevado que foi o país, em 1808, à categoria de reino, o Nordeste viu surgir as esperanças, começando a sentir crescer no mercado Internacional os preços dos seus gêneros de exportação: o fumo, os couros, as madeiras de construção, o algodão, que surgira com bons auspícios, aumentando consideravelmente na exportação, principalmente para a Inglaterra, revelando o Rio Grande do Norte como produtor de boa qualidade, e o açúcar, bem como alguma aguardente, sua derivada, embarcados intensamente para Lisboa e Estados Unidos.

Consequências futuras, profundas dos movimentos revolucionários europeus, foram expressas, porém, pelas várias conspirações e revoluções que se alastraram pela região, tendo como pano de fundo os *abomináveis princípios franceses*.

Para Joaquim Nabuco, citado por Pedro Calmon (6), *todas as nossas revoluções (antes da Independência do Brasil), nos vieram como ondulações começadas em Paris.*

Com efeito, os fatos ocorridos em França tinham ampla repercussão no nosso país, impressionando os espíritos abertos a novas Idéias. Há o caso, citado por Pedro Calmon (6), de uma carta anônima recebida pelo juiz de fora do Rio, Baltazar da Silva Lisboa em 1793. Falava da *liberdade da Pátria*, da marcha vitoriosa dos republicanos franceses e da conveniência de tomar o Senado da Câmara a chefia do povo e proclamar a *liberdade do Brasil*.

IV

Como uma preparação para a Revolução Pernambucana de 1817, eclodiu em 1801, em Pernambuco, a chamada conspiração de Suassuna. Incitados pelas idéias francesas dos iluministas, propagadas pela Revolução, um grupo de grandes proprietários tentam estabelecer a República Independente de Pernambuco, invocando como protetor, ao Imperador Napoleão Bonaparte (2,10,12)

Os maçons, que desde o início da Revolução em França, são os responsáveis intelectuais pela propagação dos ideais libertários (7),

em Pernambuco tiveram, também, ação destacada. Estavam organizados nas lojas Patriotismo, Restauração, Pernambuco do Oriente, Pernambuco do Ocidente (1) e mesmo na sociedade secreta do Areópago de Itambé, que era tida como , uma sociedade secreta política e maçônica no seu espírito, senão no rito. O fundador dessa última foi Manuel de Arruda Câmara. Manuel iniciou seus estudos de medicina em Coimbra, porém, já por causa de suas idéias de vanguarda, transfere-se para a França. onde conclui seu curso. Ao retornar ao Brasil em 1796, fundou o Areópago.

Dos habituais frequentadores dessa associação destacou-se Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, senhor do Engenho de Suassuna, de onde vem o seu apelido e que historicamente passou a denominar o próprio movimento.

De cartas enviadas de Lisboa pelo seu Irmão José Francisco, e que caíram nas mãos do Juiz de Fora, Antonio Manoel Galvão, depreendeu-se *os contornos de uma conspiração que tinha por objeto formar de Pernambuco, uma república sob a proteção de Napoleão.*

Descoberta a conspiração, são feitas várias prisões e ordenada uma devassa. Suassuna foi tido por inocente, considerando-se que as suas idéias revolucionárias estavam *muita de princípio*. Foi o veredito. Ao que parece, muito dinheiro estava por trás da libertação do Suassuna. como bem lembra Donatello, citando Dias Martins (10):

...rios de dinheiro correram pelas religiosas mãos de Frei José Laboreiro, tirando-se por fruto, serem os acusados restituídos à liberdade, à posse dos seus bens...

Em liberdade. o Suassuna transformou seu Engenho em Academia e pretextando enfermidade, visitou o Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte, espalhando ainda as idéias de rebelião, bebidas longinquamente na Europa napoleônica.

Donatelo Grieco (10), de onde colhemos parte do acima exposto, assim se expressa sobre esse movimento:

As pregações ideológicas de Arruda Câmara no Areópago de Itambé, as do Coronel Cavalcante na Academia de Suassuna, e as do Padre João Ribeiro na Biblioteca do Paraíso, influenciaram, assim, consideravelmente, na preparação Intelectual da Revolução de seis de março de 1817.

Por essa época correm céleres, boatos de invasão das costas nordestinas, por homens de Napoleão. Até pouco antes da Invasão de Portugal por Juno,t em 1807, o rei tentara uma política de equilíbrio (20), pois se por um lado temia as forças do Imperador, por outro lado dependia do comércio com a Inglaterra. Essa política dúbia patenteava-se através das ordens emanadas, para a colônia, no sentido de receber cordialmente as esquadras de ambas as nações. Como exemplo, em 21 de abril de 1806, fincou âncora, na Bahia, uma esquadra francesa de sete navios comandada pelo irmão do Imperador, Jerônimo Bonaparte (10,12). Na verdade a esquadra, que havia saldo a 13 de dezembro de 1805 de Brest, possuía objetivos militares difíceis de serem consignados. Após tentativa frustrada de tomada do promontório do Cabo da Boa Esperança e da Ilha de Santa Helena, que se achavam ocupadas pelos ingleses, rumou Jerônimo para a Bahia, tendo sido recebido, ao que consta, com amabilidade pelas autoridades da colônia.

Essas ocorrências se refletem longinquamente, despertando receios e apreensões em toda a costa. Em dois documentos do século XIX, registrados pelo historiador Francisco Fausto (14), constatamos que essa cisma havia chegado até a cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte.

Um dos documentos fora enviado pelo Capitão Mor do Apodi, ao Governador da Capitania do Rio Grande do Norte. Refere-se ao *receio que os inimigos saltem nas praias deste termo e pratiquem o*

mesmo que nas praias daquele continente acabam de fazer, e comunica que ordenei ao comandante do mesmo lugar o novo estabelecimento das vigias que mandei suspender por ordem de V.Sa. A data é de 18 de julho de 1808.

Esse ofício havia sido ensejado por outro enviado pelo comandante da Ribeira do Mossoró, ao Cap. Mor do Apodi, onde diz haver se comunicado com Manoel Joaquim Ferreira Braga, comandante das Praias do Retiro, no Ceará Grande, que transmite determinações de reforçar a vigilância, com o objetivo de *reparar os insultos semelhantes o quanto fizeram próximo nas praias denominadas Siupe além do Ceará, deu lugar a nação francesa em terra saquearam os habitantes daquele lugar ficando prisioneiros 11 dos tais, e os demais seguiram sua rota.* O ofício é assinado por José de Góis Nogueira e datado de 17 de julho de 1808.

A confusão que se fez de Henry Koster, como enviado ele Napoleão, e que tento o indignou, é também sintoma da situação de desconfiança reinante por essas plagas, àquela época (5).

Vingt-un (15) registra a opinião de José Leão no seu trabalho *Questão de Limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte*, de que àquela época, todo estrangeiro era suspeito de ser espião de Napoleão. Não de todo infundada é, porém, a hipótese levantada por Gustavo Barroso (2) de que o Koster tivesse, nas suas andanças pelo Nordeste, preparado o terreno, já fértil, para a revolução de 1817, haja visto que

o encontramos como representante revolucionário para a Inglaterra (16).

Essas apreensões são alicerçadas, segundo Donatello (10), em que *Napoleão planejava mesmo organizar expedições armadas que viessem auxiliar em qualquer ponto do Novo Mundo, maduro para esse fim, o impulso das nacionalidades nascentes.*

VI

As raízes da Revolução Pernambucana de 1817, devem ser buscadas, como dito em item anterior, na pregação do fundador do Areópago, o padre Manuel de Arruda Câmara, apesar de terem também contribuído, os altos impostos e a opressiva administração militar.

Tollenare (18), nas suas *Notas Dominicais*, fala a respeito dessas taxações, além de dar uma visão global dos fatos que ocorreram em Pernambuco, durante a sua estada em Recife.

Como figuras principais destacam-se Domingos José Martins, José de Barros Lima, o leão corado, o frei Miguelinho, Antonio Ribeiro de Andrade entre outros. Era governador de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. O povo assim dizia a seu

respeito: "Caetano no nome. Pinto na falta de coragem, Monte na altura e Negro nas ações (1).

Segundo Tollenare (18), o governador não teria dado maiores atenções as possibilidades dos rebelados, pois no dia 05 de março de 1817, fazia publicar documento em que pregava a paz, a união e a submissão e em vez de ameaçar os turbulentos, desculpava os seus discursos revolucionários e dizia: -Não acreditais que expressões exageradas escapadas ao jubilo de possuir o soberano neste hemisfério possam ser consideradas criminosas; assim, tranqüilizai-vos.

Logo depois porém manda prender os implicados na conspiração. Há resistência por parte dos militares envolvidos. Tem início a revolução que, inicialmente vitoriosa, compõe um governo provisório de cinco membros em que tomavam parte: um representante do exército, um do clero, um do comércio, um da agricultura e um de entre os magistrados. Nele estavam representadas todas as classes, tal qual o Diretório Francês de 1795, que lhe servia de espelho.

Uma proclamação é preparada pelo Padre Miguel (Miguelinho) onde se lia:

Pernambucanos, estais tranquilos, apareci na capital, o povo esta contente, já não há distinção entre brasileiros e europeus, todos se conhecem

irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo país, professores da mesma religião (19).

Foram extintos os títulos de nobreza e mudou-se o tratamento: em vez de *vosso mercê*, diz-se *vós*, e substituiu-se o senhor pela palavra Patriota. Buscando reconhecimento do novo governo, são enviados delegados para o exterior. Para os Estados Unidos, Antonio Gonçalves Cruz, o Cabugá, considerado o foco inicial das conspirações no exterior, para a Argentina, Tavares de Lima e para a Inglaterra, Henry Koster (16).

Estranhamente, Hipólito José da Costa, que por essa época se encontrava na Inglaterra como redator do seu Correio Brasiliense, coloca-se contra o movimento. A explicação é dada por Terezinha de Castro (8): Hipólito José pertencia a maçonaria azul, que sendo monarquista, opunha-se a maçonaria vermelha, republicana e que segundo se suponha, estaria por trás da insurreição. Além disso, afirma Terezinha, *ele batia-se com ardor, pela manutenção da unidade da América Portuguesa, motivo porque criticou a revolução pernambucana de 1817, por achá-la separatista.*

Corria o boato de que o plano oculto da revolução era conduzir, para governar o Nordeste, os Irmãos de Napoleão, que a essa época se encontravam nas colônias inglesas das Américas, para que no tempo certo, a partir de Pernambuco, pudessem libertar o

Imperador da Ilha de Santa Helena (10). Lira Tavares (12) nega fundamento a esses boatos.

Verdade é, porém, que após a derrota de Napoleão em 1815, e conseqüente desmantelamento de seu exército, cerca de 10.000 soldados se refugiaram nos Estados Unidos da América, e efetivamente haviam, partindo desse país, planos para libertar o Imperador e conduzi-lo para Nova-Orleans.

As manobra concentrar-se-iam em Pernambuco, local onde, segundo observava Lesseps, comandante do navio *La Perle*, em 1816 (12), *o povo...é mais instruído do que se pensa e, em geral, mais esclarecido que o da Metrópole*. Essa ilustração vinha da influência da leitura dos livros trazidos da Europa, e dos contatos com franceses por aqui chegados.

Em fins de 1817, desembarcam no Rio Grande do Norte (10,12), do navio *Parangon*, de bandeira americana, os franceses: Conde de Ponté Coulant, passando como médico e botânico, Arton, Lataple e Roulet. Foram presos, e interrogados não negaram a participação nos planos de libertação de Napoleão.

Há um documento precioso, constante dos arquivos do Ministério do exterior da França, com o título de *Relatório de 29 de julho de 1817, depois de mandado conferir nas fontes pelo autor*. Com esse curioso título, o documento, citado na íntegra por Donatello (10) e Lyra Tavares (12), nos dá o conhecimento de que: *Joseph*

Bonaparte está preparando. desde alguns meses, um plano para tirar seu irmão da Ilha de Santa Helena e ainda, que:

... o ponto de encontro da expedição é a Ilha de Fernando de Noronha, a setenta léguas do Brasil, nela está prevista a reunião de cerca de oitenta oficiais franceses de Bonaparte, setecentos oficiais americanos, duas galeotas e um navio armado pelo Lord Cochrane, com oitocentos marinheiros e dois ou três oficiais.

Diz ainda o documento que essas forças reunidas devem deslocar-se para Santa Helena. atacar o navio Inglês em cruzeiro, queimá-lo e fazer em seguida, três ataques: um sobre a capital, outro sobre Sand Bay e o terceiro em Prospertown.

Lyra Tavares menciona que o capitão Thibaut, forneceu armamento aos revoltosos, havendo registro do fornecimento de seis canhões e alguns barris de pólvora, trazidos no seu navio La Louise, que se encontrava estacionado no Recife.

Thibaut teria posteriormente se fixado numa praia do Rio Grande do Norte. A praia, afirma-se, herdara o seu nome e era também conhecida como praia do francês. Pode estar sendo enganado, o eminente historiador, pela semelhança dos nomes Thibaut e Tibau, denominação de duas praias no Rio Grande, pois Câmara Cascudo (4), atribui significado indígena ao termo. Valeria *entre duas águas*. Isso assegura maior antiguidade a denominação.

A adesão dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, vem reforçar o movimento, porém não o suficiente para evitar-lhe a derrocada. No Ceará, o movimento tem êxito somente no Cariri e por pouco tempo, mercê da violenta repressão do capitão Pereira Filgueiras.

Controlado o levante, alguns revoltosos são mortos, mas os ideais de liberdade continuaram.

VII

Por volta de 1822, às vésperas da Independência do Brasil, ocorreu um movimento de libertação, no rastro dos anteriormente citados, e digno de nota, porque dessa vez não é a burguesia que se manifesta, mas a camada mais pobre, que já se acha também embebida dos ideais revolucionários iniciados na França. O movimento é descrito por Gustavo Barroso (3). Alastrou-se pelas vilas do recôncavo baiano: vilas de Cachoeira, Santo Amaro, São Francisco, Maragogipe e de Valença. *Revoltam-se contra o poderio português e o combatem denodadamente de arma na mão, vertendo o sangue de seus filhos nos campos de batalha.*

Essa revolta teve cunho nacionalista, não se restringindo ao sentido regional.

Os participantes foram valorosos vaqueiros, gente simples, iletrada, acostumada as agruras do trato com o gado e a terra árida nordestina, mas com sensibilidade para as idéias de liberdade.

São as guerras da independência, que anunciam o 7 de setembro.

Esses os reflexos que a história registra, dos acontecimentos em terras da Europa, sobre o Nordeste e o Brasil.

BIBLIOGRAFIA CITADA

1. ALENCAR, F.; RAMALHO, L.C. & RIBEIRO, M.V.T. História da Sociedade Brasileira. Ao Livro Técnico S/A. Rio de Janeiro 1985.
2. BARROSO, G. História Secreta do Brasil. Companhia Editora Nacional. São Paulo. Série Brasiliense nº 76. Vol. I. 1939.
3. _____ Segredos e Revelações da História do Brasil. Ed. O Cruzeiro. 1958.
4. CASCUDO, L. da C. Nomes da Terra: História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto 1968.
5. _____ Notas e Documentos para a História de Mossoró, Coleção Mossoroense, Série C. Vol.II, 1974.

6. CALMON, P. História do Brasil 3º Tomo. Companhia Editora Nacional. Brasileira Vol. 176 Série 5º, 1943.
7. CASTELLANI, J. A Maçonaria e a sua Política Secreta. Traço Editora. 1981.
8. CASTRO, T. de. José Bonifácio e a Unidade Nacional. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro. 1984.
9. _____ Hipólito da Costa. Idéias e Ideais, Biblioteca do Exército Editora 1985.
10. GRIECO, D. Napoleão e o Brasil. Civilização Brasileira Editora S.A. Rio de Janeiro 1939.
11. GUERRA, F. História Colonial. Editora ASA. Pernambuco. Recife 1985.
12. LYRA TAVARES, A. de. Brasil-França ao Longo de 5 Séculos. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro 1979.
13. MAQUIAVEL, N. O Príncipe. Publicações Europa-America 1976.

14. SOUZA, F.F. de História de Mossoró. Editora Universitária/UFPB. 1979.
15. ROSADO, V. Andanças pela História de Mossoró. Coleção Mossoroense Vol. XLIV.
16. TEIXEIRA, F.M.P. & DANTAS.J. História do Brasil da Colônia a República. Ed. Moderna. São Paulo 1979.
17. THOMAS, H. História da Raça Humana Através da Biografia. Editora Globo. Porto Alegre. 1967.
18. TOLLENARE, L.F. de. Notas Dominicais, Salvador. Progresso Ed. 1956.
19. VARNHAGEN, F.A. de. História Geral do Brasil. 6ª Ed. São Paulo. Edições Melhoramento. 1959.
20. VEIGA, C. Um Brasileiro Soldado de Napoleão. Editora Ática, São Paulo 1979.

APONTAMENTOS SOBRE A DESCENDÊNCIA HOLANDESA NO NORDESTE

1. INTRODUÇÃO

O cardeal-infante D. Henrique, morreu em Janeiro de 1580. Segue-se uma luta pelo trono cujos contendores mais categorizados foram: Felipe II da Espanha, o prior do Crato D. Antonio e D. Catarina, duquesa de Bragança, *todos netos por diferentes costados de El-rel D. Manuel*. O prior do Crato tinha contra si o fato de ser bastardo, filho que era de D. Luis com uma judia (15). A tradição de varões no governo português depunha contra D. Catarina e Felipe II, estrangeiro, tratou de ganhar a corrida pela força. Aparelhou um exército, invadiu Portugal e como todos os poderosos, comprou a peso de ouro a consciência de quantas a tinham para vender. Portugal e Espanha formaram então a União Ibérica.

As relações entre Portugal e Holanda, normalmente satisfatórias conturbam-se sob o domínio espanhol. Holanda e Espanha já se haviam inimizado desde que Felipe II assumira o governo dos Países-Baixos. Dispostos a dar combate ao Habsburgo em todo o âmbito, os holandeses, ao que parece de comum acordo com os cristãos-novos, partidários de D. Antonio, decidem atacar a colônia, então sob a tutela do inimigo. Invadiram terras de Espanha

quando em 1624, iniciaram um domínio de cerca de trinta anos no Nordeste brasileiro.

Apresentando *Longitipo astênico, francamente esquizóide...dolico-louro* (13), os flamengos deixaram rastro genealógico pelo Nordeste, nos tipos louros e de olhos azuis frequentemente encontrados na região. Não serão as únicas fontes do *blounder*, porém dela participam efetivamente.

2. ALGUMAS OPINIÕES

Não é pacífica a explicação para o surgimento nos sertões do Nordeste, do tipo acima descrito. Carlos Studart Filho (18) revisou essa controvérsia, citando as opiniões de alguns luminares da história regional.

Para João Brígido, os holandeses deixarem poucos traços da sua passagem nas almas e nos corpos das gentes do Nordeste. Admite, porém maior influência dos batavos em Pernambuco.

Apresentando testemunho pessoal, Gustavo Barroso diz que no sertão *encontra homens de tipo acentuadamente flamengo, fortes, membrudos, alourados, de olhos estranhamente azuis*. Seu argumento, de que esses são ascendência holandesa, se baseia no fato de que os portugueses que povoaram o Nordeste foram *gente do sul do Reino*,

menos Germanos e Iberos de sangue, menos latinos de alma do que os do Tejo para cima, manchados quase todos de mouro, de árabe e de judeu.

Também Pompeu Sobrinho (13), defende o ponto de vista de que *os flamengos concorrem de modo não desprezível para o cadinho com que se fundia o povo nordestino.*

Ao fim de sua análise Carlos Studart Filho emite opinião que exclui holandeses e franceses da contribuição para o surgimento atávico das características de louridão na região. Assim se expressa: *tudo nos autoriza, portanto, a referir o fenômeno “blounder” do nosso matuto, uma vez excluídas as influências batavas e gaulesas. à simples atuação do sangue dos nossos maiores lusitanos.*

Apesar de ter havido clara proibição de contatos mais íntimos com os da terra (7), talvez não tenha sido tão exígua assim a contribuição holandesa para a nossa etnia. José Antonio Gonçalves de Melo (8) contrariando as opiniões normalmente aceitas, diz: *Ao contrário do que se presume, os documentos e testemunhos contemporâneos fazem ver que foi grande o número de holandeses casados com mulher da terra ou portuguesas.*

3.CASAMENTOS

De fontes diferentes, conseguimos listar alguns casamentos de holandeses com portuguesas ou brasileiras:

3.1. D. Anna Paes, a rica e bela pernambucana, proprietária do Engenho Casa Forte, casou com, o Capitão Carlos Toulon, comandante da guarda do príncipe Mauricio de Nassau (8,11). Depois, por morte deste, casou com Gilberto de With, membro do Conselho Supremo e comandante da burguesia do Recife. Sobre essa Anna Paes e seu segundo casamento, assim se expressa Frei Manuel Calado no seu "O Valeroso Lucideno" (3): *a mais desenvolta mulher de quantas houve no tempo deste cativo. na capitania de Pernambuco, porque sendo filha de nobres pais, e rica, e havendo sido casada com Pedro Correia da Silva, homem fidalgo; por sua morte vendo-se viúva e moça, se foi casar ou para melhor dizer amancebar com um calvinista, e quis ser recebida por predicante desta falsa seita com grande escândalo para o povo católico.*

3.2. D. Maria de Melo casou com o *rit meester* Gaspar Van Niehof Van Der Ley, e foram o tronco da família Wanderley, brilhantemente estudada pelo escritor Walter Wanderley. D. Maria pertencia a família dos Mellos do Trapiche que chegaram a dominar engenhos e cidades inteiras no sul de Pernambuco (8). Um Wanderley famoso, Gilberto

Freira, assim se expressa sobre a família: *trata-se de gente nórdica. Ariana. Existem. ainda hoje Van Der Ley na Holanda; e na Alemanha Lei ou Van Ley, a mesma gente*(20).

3.3. D. Apolônia de Araujo, viúva de Rui Carvalho Pinheiro, casou em 09 de abril de 1673 com Francisco de *Brá*. Pedra Calmon em nota ao Catálogo Genealógico de Frei Antonio de Santa Maria Jaboaão, cita carta de familiar do santo ofício do seu genro, José de Goes de Siqueira, onde se fica sabendo que aquele era natural de Roterdão e filho de *Jaques de Brá*, natural da mesma cidade e de D. Ana de *Brá*. natural de Nantes (4). É citado por Antonio Gonçalves de Melo como sendo dos flamengos que por aqui ficaram após o fim do domínio holandês. Deixou descendência registrada por Jaboaão.

3.4 O *Commandeur, Joris Garstman Van Werve*, teve ação destacada no Brasil-Holandes, exercendo várias funções no Rio Grande do Norte, onde a partir de 1633, comandou o forte dos Reis Magos e também no Ceará, quando a mando de Nassau, realizou a tomada do Forte de São Sebastião (18). Durante sua estada no Rio Grande do Norte, casara-se com uma portuguesa da qual se desconhece o nome. Padre Herôncio (9) no seu *Os Holandeses no Rio Grande do Norte*, a ela se refere: *Portuguesa de nascimento, viva ela no Brasil na época da conquista holandesa. Afeiçoando-se por Garstman, casara-se com ele*. Após o massacre de Uruaçú a 3 de outubro de 1645, ela teria,

juntamente com o marido, tido uma visão nas proximidades do local onde ocorrera os assassinatos. *Garstman* deixou descendência. Carlos Studart Filho (18) cita uma carta de Mauricio de Nassau em que solicita a libertação do comandante, acusado que fora da morte de *Jacó Raab*, responsável pela morte do seu sogro: De presente sou importunado de sua mulher, que é portuguesa, com petições representando-me a falta que lhe faz na administração de sua fazenda e aos filhos que dele tem.

A família *Gracisman* perpetuou “gens” do famoso *Commandeur* no Ceará e Rio Grande do Norte (8,18). Foi das primeiras famílias a se fixar na Ribeira do Jaguaribe, no lugar que hoje se chama Gracismões, nas proximidades do rio Quixeré. Ao que parece foi fundada nessa região pelo Comissário Teodósio de Gracisman, neto de *Joris Garstman*, que a 04 de novembro de 1707 comprou o curral do córrego das canavieiras, do tenente Coronel Francisco Barbosa Colaço (14). No Rio Grande do Norte há os Gracismões Galvão.

Teodósio de Gracisman e Joana Barbosa são o tronco de várias famílias do Baixo Jaguaribe (Aracati, Russas, etc.) como sejam os Costa Lima, os Ferreira da Costa e Porto, dentre outras.

3.5. Outros casamentos: Um *mestre João*, holandês casado com D. Isabel Araujo, viúva do Capitão Souto, e *Abraão Traper* com D.

Leonor Cabral, da família dos Bezerras, do Engenho São Jerônimo de Camaragibe (8).

4.MAIS ALGUMAS PISTAS

4.1 Há registro de que pouco antes de 1723, chegaram à cidade de Jaguaribe-CE, na margem do rio do mesmo nome, um grupo de frades de origem holandesa (12), vindos de Pernambuco, apossados pela perseguição que se faziam à época contra os descendentes dos flamengos. O tipo físico dos membros do clã que aí se desenvolveu é louro, de olhos azuis. Devido ao endocruzamento, é alta a frequência de anões nas famílias do grupo.

4.2 Na Paraíba chegaram em 1824, quatro Irmãos: Joaquim José da Costa, José Joaquim da Costa, Lázaro Estrela e Maximiano José da Costa. Vinham de Pernambuco e segundo reza a tradição traziam bastante dinheiro em ouro e prata. Eram descendentes de um remanescente das tropas de elite que o príncipe Mauricio de Nassau trouxera para o Brasil. Os sobrenomes portugueses teriam sido adotados pelo ancestral para fugir à perseguição.

4.3 O historiador e genealogista Francisco Fausto de Souza (17), registra a tradição sobre a descendência holandesa do Alferes Manuel

Nogueira de Lucena, fundador da família camboa de Mossoró: *pelo nome, vê-se que Manoel Nogueira de Lucena descendia de Portugueses, mas os seus sinais característicos, segundo a tradição denunciava a ascendência holandesa igualmente*. O sobrenome Lucena denuncia origem sefaradita (15) e não é de estranhar por isso a descendência holandesa. A tolerância da Holanda para com os Judeus foi notável em todos os tempos, recebendo corrente caudalosa dos mesmos, quando das grandes perseguições (10). O grande filósofo holandês, Spinoza, de Amsterdam, por exemplo, descendia de Judeus Portugueses para lá emigrados (6).

4.4 Igual raciocínio deve ser desenvolvido sobre os Pequeno. Segundo Assis Chateaubriand (1), seriam de origem holandesa, cujo sobrenome Kleine na língua holandesa teria sido traduzida para o seu correspondente português. Outra fonte dá os Pequeno como tendo ascendência judaica (5). As informações não são excludentes. Considere-se, por exemplo, que durante a segunda grande guerra, uma família Kleine, de origem judaica, tentou por meios legais entrar no Brasil, fugindo a perseguição nazista na Europa, não tendo êxito porém (19).

4.5. Julio Gomes de Senna (16) analisando o povoamento da região de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, fala a respeito da família Rejo, habitante para as bandas das matas costeiras do Rio Pabo. Essa

zona teria servido de esconderijo para fugitivos holandeses, que aí teriam constituído uma comunidade. Louros e de olhos azuis, os habitantes desse povoado, seriam propensos ao protestantismo, não existindo no local, capelas católicas, até época a recente. Julio os dá como descendem dos batavos.

Estas são amostras do que parece ter acontecido pelo Nordeste, durante e após o domínio holandês. É tarefa difícil, quiçá impossível descobrir a real contribuição étnica de qualquer dos povos com os quais teve contato a terra brasílica. Cristãos-novos, holandeses, franceses, negros, etc, deixaram suas marcas genealógicas na nação brasileira, que incontestavelmente tem como substrato maior o sangue luso, já por si bastante mesclado.

BIBLIOGRAFIA

1. ARAÚJO, H.H. de Antologia da Acauã. s.n.t
2. CALADO, M. O Valeroso Lucideno. Itatiaia. Belo Horizonte. 1987.
3. CALMON, P. Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias, de Frei Antonio de Santa Maria Jaboação Vol. II - Empresa Gráfica da Bahia, Salvador. 1985.

4. CAMARA, F. Memórias do Dr. Antonio Gervásio Alves Saraiva. Revista do Inst. do Ceará 98:17-27. Fortaleza, jan/dez 1984.
5. CRUZ, M. da História Breve dos Judeus - In: Profecias de Nostradamus e outros videntes. Editora Pensamento, São Paulo 26^o Edição. 1981.
6. GIRÃO, R. Notas para uma Introdução à genealogia cearense. Rev. InsT. Ceará, Fortaleza 61(61): 130-141, 1947.
7. GONÇALVES DE MELLO, J.A. Tempo dos Flamengos 2^a Ed. BNB/Gov. do Estado de Pernambuco, Recife 1979.
8. HERONCIO, P. Os Holandeses no Rio Grande. Empresa Editora ABC Limitada, Rio de Janeiro, 1937.
9. INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DE MINAS GERAIS. Figuras do Instituto Histórico - IN: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais Vol. IX. Belo Horizonte 1962.
10. MORAIS, V. Pequena História do Anti-Semitismo. Difusão Européia do livro. São Paulo 1972.

11. PEREIRA DA COSTA, F. A Anais Pernambucanos (1666-1700) Vol. IV. Recife 1952.
12. PINHEIRO TAVORA - Távoras e Cunhas na Península Ibérica e na antiga America portuguesa Ver. Inst. Ceará, Fortaleza, 85:11-96, 1971.
13. POMPEU SOBRINHO, T. de O Homem do Nordeste Rev. do Inst. do Ceará (321-388), Fortaleza, 1937.
14. ROCHA, M. da Russas - Sua Origem. Sua Gente, Sua História 1^a Edição, Recife, 1976.
15. SALVADOR, J.G. Os Cristãos-Novos: povoamento e conquista do solo brasileiro (1530-1680). Pioneira. São Paulo. 1976.
16. SENNA, J.G. de Ceará-Mirim – Exemplo Nacional, vol. I, Pongetti, 1974.
17. SOUZA, F.F. de Família Camboa. Coleção Mossoroense nº 1 Série A. 1949.

18. STUDART FILHO.C. Estudos de História Seiscentista – Coleção História e Cultura. Fortaleza, 1959
19. TUCCI CARNEIRO M. T. O Anti-semitismo na Vargas (1930-45)Ed. Brasiliense, São Paulo. 1988 .
20. WANDERLEY. W. Família Wanderley - História e Genealogia Ed. Pongetti, 1966.

RIO NOVO E FURADINHO:

O registro feito por Felipe Guerra (2) das condições de vida em Mossoró e circunvizinhanças, durante a grande seca de 1877, é pungente. Para esta cidade oestana refluíam todas as esperanças dos flagelados da região e o aumento populacional ocasionou a quebra dos costumes: mocinhas, quase crianças, se prostituíam por qualquer migalha. Surgem, como soe acontecer em tais situações, caracterizadas pela promiscuidade, os achaques infecciosos, sendo responsáveis por óbitos da ordem de 30 a 40 pessoas por dia nos últimos meses do referido ano. Os efeitos da seca vão até 1879.

A ajuda governamental vinha através da ação das Comissões de Socorro Público e assim, com muito sacrifício, conseguiu o prefeito de então, Cel. Gurgel, realizar várias obras “nas ruas, no rio e em toda parte” (1). O rio Mossoró ou Apodi, nesses momentos, era passado a leito seco. As barragens só foram construídas a partir de 1892, perenizando-o.

Os benefícios do Socorro Público chegaram até a região do chamado Porto de Santo Antonio, destacando-se a lavra de dois canais: o Rio Novo e o Furadinho, que visavam encurtar a distância entre o Porto Santo Antonio e a cidade de Areia Branca, utilizando a mão de obra disponível dos desabrigados.

Em épocas remotas, o leito original do rio, nesse local, foi sendo aterrado, ocasionando, nas proximidades da Camboa dos Cavalos, uma curvatura que passava por trás de uma antiga casa de membros da família Moura, para reencontrar mais adiante o leito antigo do rio. A curva surgida passou a prejudicar o movimento de barcas entre o Porto e a cidade. Dependendo do período em que se fazia o transporte de mercadorias, as barcas podiam demorar bastante para chegar ao destino, ficando retiradas, segundo a tradição local, na curvatura em forma de “U”, prejudicadas pela mudança dos ventos.

Da obra feita pela Comissão, chefiada pelo Dr. Manoel Hemetério, ficou registro feito por Francisco Fausto (4): “ ...convém mencionar que na seca de 1877 a 1879. as custas dos socorros do governo, fora aberto “o Rio Novo, perto do Porto e o ·Furadinho, perto do lugar Remanso, encurtando o rio, com essas aberturas, muita diferença para menos - perto de 3 léguas. Fora administrador de ambos esses serviços, o cidadão Faustino Filgueira Meio, já falecido”.

A mem6ria que chega até hoje, em depoimento de Trajano de Miranda Filgueira, refere-se a utilização de latas vazias de querosene, para transporte do material escavado. Essas latas chegavam de Areia Branca.O rio novo, chegou a atingir 16 pés (5,28m) de profundidade nos seus 40 m. de comprimento, escavado pela própria força das águas reorientadas para esse canal. O caminho velho do rio encontra-se em terras do Sr. Edgar Filgueira Burlamaqui.

Hemetério Fernandes Raposo de Melo registrou no 'O Mossoroense (3), visita que fez ao canal Furadinho: "Ainda fomos especialmente ver o Furadinho. canal de cerca de 30 m, mandado construir de 1878-79 pelo Dr.Manoel Hemetério, pai do abaixo assinado, quando presidente da Comissão de Socorro, com o fim de evitar uma volta de mais de légua. nesse lugar o rio Apodi, diminuindo assim a distancia os Portos de S. Antonio, e de Areia Branca". Mais notícias não encontrei a respeito desse canal.

Ao que parece os trabalhos da comissão, nesse período, não se processaram de maneira muito católica, pois o Padre Antonio Joaquim, vigário colado da freguesia de Mossoró, que por nomeação do governo dela fazia parte, exonerou-se" por não querer pactuar com os desmandos que então se deram"(4).

Grande realização foi, porém encurtar três léguas no caminho fluvial entre Areia Branca e o Porto Santo Antonio, de que dependia em parte o comércio mossoroense.

BIBLIOGRAFIA

1. BRITO, R.S. de Legislativo e Executivo de Mossoró numa viagem mais que centenária. Coleção Mossoroense. Vol. CCLXXXVII.
2. GUERRA, Felipe & GUERRA, Teófilo. Secas contra a Seca. Edição, Coleção Mossoroense, Vol. 29.

3. ROSADO, Vingt-un & VASQUE. Josetine. Dicionário de O Mossoroense. Coleção Mossoroense, Vol. CCLXIV, 1983.

4. SOUZA, F.F. de História de Mossoró. Editora Universitária, UFPb. S.d.

CRISTÃOS-NOVOS: ALGUMAS POSSIBILIDADES DE DESCENDÊNCIA

I

Ao lado de outras etnias contribuíram os judeus, de modo considerável, para a formação genealógica e histórica da terra brasileira. Foram legião em Pernambuco durante a dominação holandesa, de onde se dispersaram após a vitória dos brasileiros e portugueses. Antes e após esses acontecimentos, nunca deixaram de chegar por aqui. A Carta Régia de 25 d maio de 1773, retirou de todos os registros da Igreja, qualquer menção capaz de diferenciar cristãos velhos de novos, e dificultou grandemente a identificação precisa desses indivíduos. Resta-nos a tradição familiar e os sobrenomes típicos utilizados, duas fontes nem sempre confiáveis (quase sempre falham os registros genealógicos pelo preconceito). Apesar de tudo, algumas evidências sempre restam conduzindo, se não a uma afirmativa genealógica categórica, ao menos à possibilidades bem fundamentadas.

II

Tomaz de Araújo Pereira, português de Viana, um dos troncos familiares mais vigorosos e vetustos do Seridó, teve uma filha de nome Ana Araújo Pereira, que foi casada com Antonio Paes de Bulhões. Este vinha Pernambuco e era filho dos portugueses Manoel da Costa Vieira e de Maria Paes de Bulhões.

Medeiros Filho (7) registra a tradição familiar a respeito da ascendência judaica de Antonio Pais de Bulhões e descreve-lhe a descendência, que se misturou com outros ramos das velhas famílias do Seridó.

Segundo se afirma, o pai de Antonio teria possuído Engenho em Pernambuco e que teria sido assassinado. Não é de estranhar que elementos da progênie israelita possuíssem Engenho em Pernambuco e Bahia, principalmente durante o período de domínio holandês no Nordeste, havendo inclusive quem supusesse como Hermann Waetjen, que todos os senhores de engenho luso-brasileiro, à época, fosse judeu. José Antonio Gonçalves de Melo (5), alinha os seguintes judeus que adquiriram engenho em Pernambuco, no Brasil holandês: Vicente Rodrigues Vila Real, Duarte Saraiva, Moises Navarro, Diogo Dias Brandão. Aquisições ocorridas em 1637. No ano de 1639, Wiznitzer (14) cita: Duarte Saraiva, Moises Navarro e acrescenta Fernão do Vale e Pedro Lopes de Vera. Muitos outros vieram ainda a possuir engenho em Pernambuco.

A respeito de Antonio Pais de Bulhões são muitas as histórias contadas pelos antigos e que foram registradas por um seu descendente, Dr. Manoel Dantas. Medeiros Filho (7) nos conta, por exemplo, como foi o pedido de casamento da filha de Tomas de Araujo Pereira.

"Era solteiro, já entrado em anos, quando casou-se com uma filha abastado português Tomaz de Araújo Pereira. Inimigos ambos, se não atrevia, Antonio Pais, a pedir a moça em casamento nem Tomaz de Araújo a pôde recusar quando lhe a pediram nas circunstâncias que passo a referir".

"Não era coisa fácil naqueles tempos remotos em que o sertão mal começava a povoar-se, ouvir uma missa, e muito mais difícil tornava-se ajudá-la, se o padre não viesse acompanhado de acolito. Sucedeu que Tomaz de Araújo mandou a alguma distancia buscar um padre para dizer missa, na sua fazenda Picos de Baixo. Chegado o sacerdote verificou-se que da numerosa assistência de fiéis, nenhum podia auxiliá-lo na celebração do santo sacrifício. Era Antonio Pais o único que, naquelas redondezas, sabia as respostas em latim do ritual romano e não se atrapalhava na prática das cerimônias da liturgia cristã".

Condição especial como essa fez Tomaz de Araújo quebrar a sua catirrice de português teimoso e capitular diante do inimigo. Antonio Pais não se fez de rogado no convite que lhe dirigiram por intermédio de um amigo comum, e veio servir de acolito. Acabada a

missa, querendo Antonio retirar-se, um amigo que sabia a simpatia que lhe inspirava a cútis morena de D. Ana de Araújo, fez público e solenemente, o pedido de casamento, que nenhum dos dois recusou, selando-se, com esse fato, uma amizade sincera".

Desse casamento, nasceram os seguintes filhos:

1. Ana de Araújo Pereira c.c. Manuel de Medeiros Rocha
2. Clara Maria dos Reis c.c. Caetano Camelo Pereira
3. Bartolomeu da Costa Pereira c.c. Maria do Nascimento Albuquerque.
4. Cosme Pereira da Costa c.c. (1ª núpcia) Maria Pereira da Cunha, e em 2ª núpcias com Tereza de Jesus.
5. Gregório Pais de Bulhões c.c. Felipa de Jesus.
6. Antonio Vieira da Costa c.c. Francisca Freire de Medeiros.
7. Cecília dos Santos Medeiros c.c. José do Rego Toscano.
8. Maria Leocádia da Conceição c.c. Sebastião de Medeiros Rocha
9. João Pais de Bulhões, solteiro.
10. Isabel Ferreira de Mendonça c.c. Antonio José de Barros
11. Tereza de Jesus Maria c.c. Francisco do Rego Toscano.

Como se pode verificar, três filhas de Antonio Pais casaram-se na família Medeiros, originada no Seridó com os irmãos Rodrigo e Sebastião, cuja fuga para o Brasil até agora não foi devidamente explicada.

Um ramo da família Medeiros provavelmente, descendentes de Antonio Pais, estabeleceu-se no Vale do Açu, havendo grande descendência com esse sobrenome, e que chega aos filhos do autor, deste trabalho.

III

Nas primeiras décadas do sec. XVIII chegou à fazenda Gameleira, do Riacho dos Porcos (depois Milagres), no Cariri cearense, o Cap. José d'Ávila de Figueiredo, natural da Bahia. Era filho de Francisco Rodrigues de Figueiredo, português de Évora.

Começamos por desconfiar de sua ascendência judaica, pelo apelido do seu progenitor, pois os Rodrigues originados de Évora, segundo Salvador (11) e Saraiva (10) são descendentes do médico hebreu de el Rei D. Manoel, de nome Manoel Rodrigues da Veiga. Nem sempre, porém, a identidade de nome expressa identidade familiar.

Encontramos, contudo, que Maranhão (9), estudando as famílias do município de Milagres-CE, após deslindar todas as ramificações do tronco principal da chamada família do Coité, passa fazer análise dos ramos Figueiredo, Lacerda e Furtado e considera que

a participação do sangue semita na gens do Coité vem da parte dos Figueiredo que define: “ apresenta um tipo mestiço tendendo para o louro, longilíneo; é místico , menos piedoso, temperamento variável, de atitudes oportunistas, caráter mercantil, semítico, aventureiro. A descrição prende-se a características subjetivas, que possibilitam quase que uma caracterização estereotipada do judeu, normalmente pintado com as cores do anti-semitismo: “místico”, “pouco piedoso”, “oportunista”, “comerciante”, etc.

Casou-se José d' Ávila de Figueiredo com Maria Dantas Vieira, tronco povoador que deu origem as famílias Figueiredo, Furtado de Figueiredo, Belém de Figueiredo e outras do sul do Ceará (8). Uma Ana Furtado de Figueiredo, da família do Coité, casou com Joaquim Lopes Diniz e foram tronco dos Leite Figueiredo de Piancó, Paraíba.

Descende ainda desse tronco cariariense, o Cel. José Belém de Figueiredo, chefe político de grande fama na região, que chegou inclusive a ser vice-presidente da província do Ceará.

"Hoje a família do Coité vai em decadência" devido possivelmente aos casamentos consangüíneos, "quase obrigatórios".

IV

Houve um grupo de cristãos-novos, mercadores, que durante o séc. XVI dominou ou teve em certos momentos destaque no comércio internacional. Esse grupo era composto pelas famílias Ximenes e Rodrigues da Veiga (10,13). O grupo era encabeçado pelo cristão-novo Fernando Ximenes, descendente dos Ximenes de Aragão e dos Rodrigues da Veiga da cidade de Évora. Os Rodrigues, eram originados do mestre Thomas da Veiga, hebreu que foi médico do rei D. Manoel, e do Judeu Abraão Senior, que verteu-se ao cristianismo no ano de 1491, sendo padrinho, o próprio rei de Portugal, D. João II (6). Fernando Ximenes, era bisneto de Abraão Senior. Os Rodrigues, como os Lucena, estiveram por longo tempo sob a proteção dos soberanos (13). Nessa associação comercial, Ximenes e Rodrigues dominaram a maior parte do comércio de pimenta da metrópole. Nesse período, participaram amplamente do comércio de escravos.

Salvador (12) encontrou os Ximenes, no Rio de Janeiro, no início de sua colonização. João Correia Ximenes, cristão novo, casado com uma descendente dos Varela, também participante da seiva Abrâmica. Encontro no Catálogo Genealógico de Jaboaão (4) que João era filho de José Correia Ximenes, e de Apolônia Soares.

Em 1618, já havia sido denunciado ao santo ofício na Baila, um descendente dos Ximenes, Manuel de Galegos, filho de Pedro de Galegos de Apolônia Ximenes. E, em 1712, um século depois deste fato, foi a vez de José Correia Ximenes, acima citado, preso como judaizante.

Os Galegos, associados desde longa data com os Ximenes, são cristãos-novos originados da Espanha de onde passaram para Portugal e depois para o Brasil (12).

Sadoc de Araújo (1), no dia 11.10.1777, registra no Ceará, na excelente obra *Cronologia Sobralense*, o casamento de Manoel Ximenes de Aragão com Antonia Maria da Páscoa. Testemunha seu casamento, dentre outros, o seu Irmão Tomé Ximenes Aragão. Este foi casado com Margarida Nunes. Foram os dois irmãos, os troncos dos, Ximenes no Ceará. Eram filhos de João Dias Ximenes de Galegos, sem dúvidas consangüíneo com os acima relatados, e de Sebastiana de Vasconcelos, de Goiana. Pernambuco.

A descendência dos Irmãos Ximenes é descrita no livro – “Colonização do Nordeste - Os Ximenes de Aragão no Ceará”, de autoria de Jarbas Cavalcante de Aragão, 1969.

Surtem no Rio Grande do Norte, através de Cícero Ximenes da Frota, nascido em Sobral – CE, em 1897. Casou na família Gurgel, com larga descendência (3).

V

Os hebreus misturaram-se largamente em Portugal, com os cristãos-velhos, fidalgos e gente do povo, e mesmo o prior do Crato D. Antonio, pretendente a coroa portuguesa, era filho do príncipe D. Luiz com uma israelita (12). Famílias importantes estavam mescladas do sangue hebreu. Os Correia de Sá, que se estabeleceram, no séc. XVI, no Rio de Janeiro, caem nessa categoria. São descendentes de Gonçalo Correia da Costa, que se casou duas vezes com as cristãs-novas Felipa de Sá e Marta Ramires, respectivamente das famílias Israelitas dos Rodrigues de Vila Conde e Ramires de Barcelos (12).

Foram muitos os serviços prestados à coroa portuguesa por essa família, destacando-se o governador do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benevides.

No Nordeste a família começa a radicar-se quando o padre Luis José de Sá, natural do Rio de Janeiro, visando tratar da saúde, chega aos sertões da Paraíba. De tal forma afeiçoou-se à terra que terminou trazendo a parentela.

Os Correia de Sá da Paraíba e os Benevides de Mombaça no Ceará, tem origem no casamento de Cipriana Correia de Sá, irmã do Padre Luis, com seu primo, Francisco Tavares de Sá Benevides, todos apresentados aos Correia de Sá e Benevides, do Rio de Janeiro. Um

filho desse casal, de nome Joaquim de Sá Benevides, que era fazendeiro em Souza-Pa, transferiu-se para Mombaça e a partir daí, os Benevides se espalharam por todo o estado.

Existe menção, feita por Luis A. Pimenta, no Jornal "O Nordeste" de 15 de abril de 1932, de que o sobrenome Benevides encontrado ainda hoje nos descendentes dos Fernandes Pimenta no RN originou-se de Maria Benevides, espanhola, que teria se casado em Portugal nessa família e que teria sido mãe do conde Salvador Correia de Sá e Benevides.

No excelente trabalho de José Gonçalves Salvador - *Os cristãos-novos - povoamento e conquista do solo brasileiro* - encontro uma Maria Benevides. que foi casada com Martins Correia de Sã, filho de Salvador Correia de Sã e da cristã-nova Vitoria da Costa, de onde vem efetivamente o Benevides dos filhos daquele casal: Salvador Correia de Sá e Benevides e Cecília de Benevides. Talvez em outro casamento, Maria tenha se consorciado na família Pimenta, como refere aquele autor.

Segundo informa Benevides (2), ao chegar em Mombaça (na época denominada Maria Pereira), José Joaquim de Sá e Benevides já estava casado com D. Francisca Gomes de Araújo e traziam vários filhos.

1. ARAÚJO, F.S. de Cronologia Sobralense - Vol. I (1604-1800) Gráfica Editorial Cearense Ltda, Fortaleza, 1974.
2. BENEVIDES, A. T. de Sá e. Mombaça. Rev. Inst. Ceará, Fortaleza 61(61):247-270, 1947.
3. BRITO R.S. de Alferes Teófilo Olegário de Brito Guerra - Um Memorialista Esquecido. Coleção Mossoroense, Vol. CXXXII. 19aO.
4. CALMON, Pedro. Introdução e Notas ao catálogo genealógico das Principais Família, de Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão. Salvador, Bahia Vol. " Empresa Gráfica da Bahia, 1985.
5. GONÇALVES DE MELO, JA. A Nação Judaica do Brasil Holandês. Rev. Inst. Arq. Hist. e Geog. Pernambucano, Recife, 8:230-393, 1976.
6. KAYSERLING, Meyer. Historia dos Judeus em Portugal, livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1971.
7. MEDEIROS FILHO ,Olavo. Velhas Famílias do Seridó. Brasília, 1981.

8. MACEDO, J. Núcleos originários (Cariri cearense -Séc. XVIII)
9. MARANHÃO, L. Contribuição ao estado genealógico das principais famílias de Milagres. Família do Coité. Rev. Inst. Ceará, Fortaleza, 64(64):252-283, 1950.
10. SARAIVA, A.J. Inquisição e cristãos-novos, Editorial Estampa Lisboa, 1985.
11. SALVADOR, J.G. Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição. Livraria Pioneira Editora São Paulo, 1969.
12. ____Os cristãos-novos: povoamento e conquista do solo brasileiro. Editora Pioneira. São Paulo, 1976.
13. ____Os Magnatas do tráfico negreiro, Livraria Pioneira, São Paulo, 1981.
14. WIZNITZER, Arnold. Os Judeus no Brasil Colonial, São Paulo, 1966. 34